

Arthur Valle  
Camila Dazzi  
Isabel Portella

# Oitocentos

TOMO III

*Intercâmbios Culturais entre Brasil e Portugal*

2ª Edição

Rio de Janeiro  
CEFET/RJ  
2014



2014

**Realização da Publicação**

CEFET/RJ

UFRRJ

Museu da República/RJ

**Organização**

Arthur Valle

Camila Dazzi

Isabel Portella

**Projeto Gráfico**

Camila Dazzi

**Revisão e Editoração**

Smirna Cavalheiro/ComTexto

**Editoras**

CEFET/RJ

DezenoveVinte

**Correio eletrônico**

dezenovevinte@yahoo.com.br

**Meio eletrônico**

A presente publicação reúne os textos de comunicações apresentadas de forma mais sucinta no III Colóquio de Estudos sobre a Arte Brasileira do Século XIX. Os textos aqui contidos não refletem necessariamente a opinião ou a concordância dos organizadores, sendo o conteúdo e a veracidade dos mesmos de inteira e exclusiva responsabilidade de seus autores, inclusive quanto aos direitos autorais de terceiros.

700  
O39

Oitocentos - Tomo III : Intercâmbios culturais entre Brasil e Portugal. 2ª.  
Edição / Arthur Valle, Camila Dazzi, Isabel Portella (organizadores).- Rio de Janeiro: CEFET/RJ, 2014. II.  
600 p.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7068-010-5


1. Arte. 2. Arte – Brasil. 3. Arte – Portugal. 4. Arte – História. I. Valle, Arthur. II. Dazzi, Camila. III. Portella, Isabel. IV. Título.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7068-010-5



9 788570 680105



## 2. A Discreta Presença dos Artistas Portugueses na Cidade de São Paulo (1900–1930)

Ana Paula Nascimento<sup>1</sup>



**E**corrente os historiadores de arte afirmarem que a realização de exposições de artistas estrangeiros e suas respectivas obras eram extremamente valorizadas no Brasil, em especial nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo. Todavia, o que hoje se localiza em acervos públicos e em coleções particulares – especialmente na cidade de São Paulo – quando o recorte temporal é fixado entre a última década do século XIX e os três primeiros decênios do século XX, é uma presença tímida de obras de artistas de origem portuguesa.

Este texto tem como objetivos verificar a presença dos artistas portugueses no acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo – o museu dedicado às artes visuais mais antigo do Estado de São Paulo (criado em 1905 e regulamentado em 1911) – e quando a Pinacoteca exibiu tais obras. Pretende também traçar, ainda que com possíveis lacunas, as exposições de artistas portugueses realizadas na cidade e as aquisições que foram realizadas naquela época por colecionadores locais.

### **Os artistas portugueses presentes no acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo**

Ao analisar no perfil histórico da Pinacoteca do Estado de São Paulo. Com relação à presença de obras portuguesas percebemos que elas aparecem em número bastante reduzido em relação a artistas de outras nacionalidades como italianos, franceses e espanhóis, mesmo que a produção artística de estrangeiros fosse muito apreciada na cidade.

A primeira obra de um português comprada para a Pinacoteca é uma pintura de José Júlio de Souza Pinto (1856-1939), artista que possivelmente foi o mais internacional dos pintores portugueses do fim do século XIX, tendo vivido por

---

<sup>1</sup> Pinacoteca do Estado de São Paulo.

grandes períodos na Bretanha e participado habitualmente dos salões franceses desde 1883. Possivelmente, sua grande qualidade técnica e o lirismo singelo dos temas escolhidos o tornaram um pintor de grande aceitação durante a maior parte de sua trajetória artística, tanto em Portugal quanto na França.

A pintura *Le Baquet Bleu* [O balde azul] [Figura 2.1], então denominada *Le Baquet de Bleu*, foi exibida no *Salon de la Société de Artistes Français* de 1907, ano em que Souza Pinto participou daquele certame como *hors concours*<sup>2</sup>. Segundo notícia publicada no jornal *O Estado de S. Paulo*, Souza Pinto vem ao Brasil em 1912 para fazer exposições no Rio de Janeiro e em São Paulo por ter um irmão residente no país, mais exatamente na capital paulistana, Antonio Valle<sup>3</sup>. Em setembro daquele ano realiza mostra no Gabinete Português de Leitura, no Rio de Janeiro, recebendo então diversos convites para expor em São Paulo. Segundo a imprensa local, traz para a exposição na capital paulista, realizada na Casa Mascarini<sup>4</sup>, inaugurada em 12 de dezembro de 1912, cerca de 90 trabalhos – pinturas exibidas no Rio e não compradas, mais uma série de pinturas que não expusera na então Capital Federal e outras tantas que participaram do *Salon des Artistes Français* de Paris<sup>5</sup>. A abertura conta, como de costume, com a presença de autoridades locais, como Altino Arantes, então Secretário do Interior e responsável pela compra de obras para a jovem Pinacoteca do Estado. Muitas são as aquisições realizadas por particulares, destacando-se os nomes de Arnaldo Vieira de Carvalho, Alfredo Pujol, Galeno Martins, Rangel Pestana, Augusto de Toledo, Ernesto Pujol, Bernardino de Campos, Augusto Toledo e até um colecionador do Rio de Janeiro, Humberto Rocha.

A imprensa local pressiona as autoridades do governo estadual para que ao menos uma obra seja comprada para a Pinacoteca: “É de esperar que os nossos mais

---

<sup>2</sup> BASCHET, Ludovic. *Catalogue illustré du Salon de 1907 – Société des Artistes Français*. Paris: Bibliothèque des Annales, 190[7]?, p. 149. Reprodução xerográfica existente na Biblioteca Walter Wey da Pinacoteca do Estado de São Paulo.

<sup>3</sup> SOUSA, Pinto. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 17 jun. 1912, p. 2.

<sup>4</sup> A Casa Mascarini era localizada na Rua São Bento, 85, 1º andar. Esse estabelecimento foi por um período considerado uma *galerie d'art*. Os proprietários eram E. Mascarini & Co. e foram atuantes no planejamento ou cessão de espaço entre 1912 e 1918, organizando exposições individuais e uma coletiva, num total de aproximadamente 20 mostras. Para mais informações, consultar: NASCIMENTO, Ana Paula. *Espaços e a representação de uma nova cidade*: São Paulo: 1895-1929. Tese (Doutorado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (Orientação: Profª Drª Maria Cecília França Lourenço), São Paulo, 25 de março de 2009, p. 115.

<sup>5</sup> SOUSA, Pinto. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 16 out. 1912, p. 1, e 27 dez. 1912, p. 4.

fortes colecionadores adquiram, e é imprescindível que uma (e por que não *L'appel au passeur*) vá exornar a Galeria do Estado [Pinacoteca] que nenhum quadro tem do notável artista..."<sup>6</sup> ou "E a nossa Pinacoteca? Ao contrário do que se espera ficará sem uma obra do grande artista?"<sup>7</sup>.

Finalmente, não se sabe se por influência da imprensa ou por vontade dos próprios políticos locais, uma obra do artista é adquirida para a Pinacoteca:

*O sr. Secretário do Interior [Altino Arantes] adquiriu para o Estado o encantador Baquet Bleu, uma das mais lindas telas da exposição; não podemos senão aumentar os louvores que destas colunas enviamos ao ilustre homem do Estado sempre que, como agora, tão acertadamente contribui para o enriquecimento da nossa galeria de pintura, ainda em organização embrionária.*<sup>8</sup>

Ou:

*O Governo do Estado, como era de esperar, não se mostrou indiferente à presença em São Paulo do reputado artista e de tão valiosas obras de arte. Ontem [7 de janeiro de 1912], o sr. dr. Altino Arantes, Secretário do Interior, adquiriu para a Pinacoteca do Estado, a belíssima tela Baquet Bleu, um dos mais completos trabalhos da exposição.*<sup>9</sup>

Sobre essa pintura e seu quase desaparecimento público, cumpre destacar duas questões: na dissertação de Aida Alves de Oliveira Santos, *José Júlio de Souza Pinto na Bretanha*, defendida na Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 2011, há um longo trecho no qual a autora se dedica à análise específica dessa obra<sup>10</sup>; em outro trecho afirma que a obra participara da exposição no Rio de Janeiro e que, mesmo sendo uma obra importante do artista, não tinha sido adquirida nem por particulares tampouco por algum museu<sup>11</sup>. Não registra a exposição em São Paulo, nem a compra efetivada. Tal aquisição para a Pinacoteca

---

<sup>6</sup> EXPOSIÇÃO Sousa Pinto. *Correio Paulistano*, São Paulo, 17 dez. 1912, p. 5.

<sup>7</sup> EXPOSIÇÃO Sousa Pinto. *Correio Paulistano*, São Paulo, 6 jan. 1913, p. 2.

<sup>8</sup> EXPOSIÇÃO Sousa Pinto. *Correio Paulistano*, São Paulo, 8 jan. 1913, p. 2.

<sup>9</sup> SOUSA, Pinto. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 8 jan. 1913, p. 6.

<sup>10</sup> SANTOS, Aida Alves de Oliveira. *José Júlio de Souza Pinto – na Bretanha*. Dissertação (Mestrado em História da Arte Portuguesa), Faculdade de Letras da Universidade do Porto – Departamento de Ciências e Técnicas do Patrimônio (Orientação: Prof. Dr. Agostinho Rui Marques de Araújo), Porto, Portugal, 2001, p. 68. Disponível em: <http://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/57351/2/TESEMESAIIDASANTOS V1000147954.pdf>.

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 18.

era, até a preparação deste trabalho, uma incógnita, constando na documentação da obra “incorporada ao acervo” em 1913, sem indicação de procedência. Acrescenta-se a isso que em todos os textos sobre a história da Pinacoteca consta como primeira compra realizada diretamente para o museu a pintura de Enrique Martinez Cubells y Ruiz (1874-1947), *Leilão de peixes*, durante a 2ª Exposição de Arte Espanhola organizada por Jose Pinello Llul no Grande Hotel.

Outra pintura de Souza Pinto que faz parte do acervo da Pinacoteca é *Outono*, por intermédio da doação de Anna Azevedo Marques após o falecimento de seu marido, José Manuel de Azevedo Marques<sup>12</sup>. A Família Azevedo Marques legou para a Pinacoteca 130 obras em 1949, obras que se encontravam na residência do casal, na avenida Paulista, em diversos cômodos da casa. Muitas obras de artistas brasileiros, outro tanto de artistas franceses, e apenas essa pintura – que se encontrava na sala de jantar da residência – de um português.

O segundo artista que passa a ter obras no acervo da Pinacoteca é José Victal Branco Malhoa (1855-1933), cujos três desenhos existentes no acervo provêm do Espólio de Henrique Bernardelli<sup>13</sup>, doação efetivada em 1937 [**Figura 2.2**].

---

<sup>12</sup> José Manoel de Azevedo Marques (1865-1943), bacharel formado pela Faculdade de Direito do Largo São Francisco, em São Paulo, atuou como advogado promotor e juiz de Direito; foi ainda professor da mesma faculdade em que se formara. Um dos organizadores da Ordem dos Advogados do Brasil, seção São Paulo (OAB-SP), tendo exercido três biênios na presidência de tal órgão. Ao lado da carreira jurídica e da docência, exerceu ainda uma série de cargos políticos como o de deputado estadual (1898), de deputado federal (1899, 1903) e de ministro das Relações Exteriores no governo de Eptácio Pessoa (1919-1922). Como muitos dos outros colecionadores e amantes das artes na São Paulo do início do século XX, era ligado ao Partido Republicano Progressista (PRP), onde especialmente entre o final do século XIX e o início da década de 1920 atuavam os principais políticos paulistas. Pertencendo à elite econômica, política e cultural da cidade, manteve fortes laços de amizade e interesses profissionais com outros membros de tal camada, como Ramos de Azevedo – que construiu vários imóveis para o jurista, assim como a sua residência na Avenida Paulista, além de outro imóvel nesse mesmo logradouro – e também com o grupo que, após o falecimento de Ramos de Azevedo (1928) passa a gerenciar a Pinacoteca do Estado. In: NASCIMENTO, 2009, op. cit., p. 215.

<sup>13</sup> O espólio de Henrique Bernardelli (1858-1936), por decisões testamentárias, foi dividido no mínimo entre seis instituições: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (RJ), o Museu Nacional de Belas-Artes (RJ), o Museu Histórico do Estado do Rio de Janeiro (Niterói, RJ), o Museu Mariano Procópio (Juiz de Fora, MG), o Museu Paulista e a Pinacoteca do Estado de São Paulo. No caso da Pinacoteca, além de obras dos três irmãos Bernardelli – Félix Atiliano (1866-1905), Henrique e José Maria Oscar Rodolpho Bernardelli y Thierry (1852-1931) –, há na doação obras de outros artistas que compunham a coleção, como os mestres da Academia Imperial de Belas-Artes, João Zeferino da Costa (1840-1915) e Victor Meirelles de Lima (1832-1903); contemporâneos, como José Malhoa e Modesto Brocos y Gomes (1852-1936), e trabalhos de Antonio Piccini (1846-1920), que fora discípulo de Domenico Morelli (1826-1901), assim como possivelmente Henrique Bernardelli. Há ainda obras de Francesco Raffaele Santoro (1844-1927), José Garcia y Ramos (1852-1912) e Francisco Pradilla y Ortiz (1840-

Malhoa era amigo de Rodolpho Bernardelli: conheceram-se na Europa e voltaram a se encontrar em 1906, quando o artista português realizou exposição no Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro com 112 trabalhos; também era amigo de Henrique. Possivelmente trocaram obras e, dessa maneira, os três desenhos chegaram à Pinacoteca.

O terceiro artista português que passa a fazer parte do acervo do Museu é Antônio Carneiro Teixeira Júnior, que realizou exposição no Rio de Janeiro em 1914 (com 130 trabalhos entre desenhos, pinturas e aquarelas) na sede carioca da Galeria Jorge, e nova individual na Galeria Jorge no Rio de Janeiro e em São Paulo, no ano de 1929.

Em São Paulo a exposição foi realizada no Prédio Glória<sup>14</sup>, na praça Ramos de Azevedo, 16. Segundo o catálogo, a exposição contemplou 28 pinturas – muitas de interiores de igrejas e claustros –, 31 aquarelas – a grande maioria sobre paisagens do Rio de Janeiro, realizadas no período em que residira na cidade, entre 1914 e 1915 – e três desenhos, totalizando 62 trabalhos.

Desde o catálogo, o destaque foi dado para a grande pintura *Camões lendo “Os Lusíadas” aos frades de São Domingos* [Figura 2.3]. Apesar dos diversos artigos elogiosos publicados na imprensa paulistana, da visita de artistas (como Pedro Alexandrino)<sup>15</sup>, literatos e políticos (Plínio Salgado e Rangel Pestana, por exemplo)<sup>16</sup>, e de se afirmar que as vendas iam bem, uma série de relatos afirma que

---

1921), além de esculturas de Cesare Zocchi (1851-1922) e Amadeu Zani (1869-1944). O conjunto compreende um total de 698 trabalhos, dos quais 11 são pinturas, sete bronzes, várias peças em gesso e terracota, algumas aquarelas e gravuras, 344 desenhos de Henrique Bernardelli e mais de cem de Rodolpho Bernardelli, além das obras de outros artistas que faziam parte da coleção, já discriminados. A comissão de avaliação da parte do espólio que coube à Pinacoteca do Estado foi composta por Paulo Vergueiro Lopes de Leão (1889-1964), José Wash Rodrigues (1891-1957), Paulo do Valle Júnior (1889-1958) e Roque de Mingo (1890-1972). Para comemorar a doação do conjunto, foi inaugurada a sala Bernardelli (1937) nas dependências da Pinacoteca durante sua permanência na rua Onze de Agosto e, posteriormente, em 1951, quando do retorno do acervo para o edifício no bairro da Luz, onde se encontra até a atualidade. In: NASCIMENTO, 2009, op. cit., p. 211.

<sup>14</sup> Edifício tradicional ao lado do Teatro Municipal, caracterizado por excelente acabamento e que representa bem as construções comerciais de alto nível da década de 1920. Foi inaugurado em 1928 e pertenceu ao dr. Samuel Ribeiro, então sócio da família Guinle, para uso de suas empresas. O projeto arquitetônico é do Escritório Albuquerque & Longo, e a construção coube ao Escritório Ramos de Azevedo. In: BENS Culturais Arquitetônicos no Município e na Região Metropolitana de São Paulo. São Paulo: SNM/Emplasa/Sempla, 1984, p. 352.

<sup>15</sup> ANTONIO Carneiro: notas à margem de uma exposição. **Correio Paulistano**, São Paulo, 13 nov. 1929, p. 10.

<sup>16</sup> Idem e EXPOSIÇÃO Antonio Carneiro. **Correio Paulistano**, São Paulo, 9 nov. 1929, p. 7.

teve dificuldade para vender a principal pintura da mostra, além de terem sido poucas as outras vendas, segundo a imprensa local (ao todo dez obras). A referida pintura foi adquirida pelo governo do Estado para o Museu Paulista, embora isso não conste na documentação da pintura e tampouco tenha sido localizada qualquer menção pela imprensa na época da exibição. A pintura passou a fazer parte do acervo da Pinacoteca em 1948, quando foi transferida do Museu Paulista<sup>17</sup>.

Por fim, o último conjunto que passa a fazer parte do acervo do Museu é o de trabalhos de Raphael Augusto Prestes Bordalo Pinheiro ligados a caricaturas e aos *charges-portraits* doados por Emanuel Araújo quando era diretor do Museu: 7 litografias soltas em 1993<sup>18</sup> e o *Álbum da Glória* [Figura 2.4], em 1999, possivelmente após a realização do ciclo de três exposições realizadas em 1996 tendo como cerne do projeto a figura de Raphael Bordalo Pinheiro, após um ano de pesquisa: *Rafael Bordalo Pinheiro: o português tal e qual* (o caricaturista), *Da caricatura à cerâmica, O Grupo do Leão e o naturalismo português*, a última com obras de artistas: Antonio Carvalho da Silva Porto (1850-1893), Columbano Bordalo Pinheiro (1858-1929), José Victal Branco Malhoa, João Marques de Oliveira (1853-1927), Artur Loureiro (1853-1932), Antonio Ramalho (1859-1916), João Vaz (1859-1931), José Júlio de Souza Pinto, Carlos Reis (1863-1940) e Manuel Henrique Pinto (1853-1912) e obras do Museu do Chiado, Lisboa; do Museu Nacional de Belas-Artes, Rio de Janeiro; da Pinacoteca (apenas os desenhos de Malhoa e as pinturas de Souza Pinto); do Museu Anastácio Gonçalves, Lisboa; e do Museu Carlos Costa Pinto, Salvador.

Essa é a única ocasião em que os desenhos de Malhoa são exibidos; quanto às pinturas de Souza Pinto, elas participam do projeto Pinacoteca Circulante entre os anos de 1965 e 1967 em cidades do interior do Estado de São Paulo (Barretos,

---

<sup>17</sup> Em março de 1947, por iniciativa do interventor Macedo Soares e do então diretor do Museu Paulista, Sérgio Buarque de Holanda, 19 pinturas de Almeida Júnior, uma de Ruggero Pannerai e outra de Paulo do Valle Júnior, cuja qualidade principal era pictórica e não histórica são transferidas para a Pinacoteca do Estado de São Paulo. Em fevereiro do ano seguinte, outro lote com dez obras é transferido para a Pinacoteca e, entre elas, *Camões lendo "Os Lusíadas" para os frades de São Domingos*, de Antônio Carneiro; *A providência guia Cabral*, de Eliseu Visconti; *Figura*, de Félix Bernardelli; um painel decorativo de Henrique Bernardelli e seis retratos de Almeida Júnior. In: OFÍCIO de Sérgio Buarque de Holanda para Túlio Mugnaini datado de 8 de março de 1974 e RECIBO datado de 19 de fevereiro de 1948. Centro de Documentação e Memória da Pinacoteca do Estado de São Paulo.

<sup>18</sup> Tais litografias fazem parte do *Álbum da Glória*.



São José do Rio Pardo, Presidente Prudente, São Carlos, Tatuí e Capivari) e da mostra *Paisagem na coleção da Pinacoteca*, em 1979, e, a partir de outubro de 2011, a pintura *Le Baquet Bleu* faz parte da mostra de longa duração *Arte no Brasil: uma história na Pinacoteca de São Paulo*.

A pintura de Antonio Carneiro recebe pouco destaque em relação às exposições. Participa do programa *Destaque do mês*, sendo a obra selecionada em junho de 1980, e do *Projeto Releituras* (1984), sendo o tema da pintura de Glauco Pinto de Moraes (1928-1990). Essa grande tela ficou ainda exposta por um grande período (c.1998-2010) sobre uma das escadas laterais do segundo andar do edifício da Pinacoteca sem, contudo, apresentar boa visibilidade ou ter uma ligação efetiva com a exposição de longa duração anterior.

### **As exposições com obras de artistas portugueses na cidade**

Até esta etapa da pesquisa não localizamos nenhuma exposição coletiva organizada apenas com artistas portugueses na cidade de São Paulo – diferentemente do que ocorrera com as de arte italiana<sup>19</sup>, espanhola<sup>20</sup> e francesa<sup>21</sup>.

Um fato a ser destacado é o projeto do dr. Bittencourt Rodrigues<sup>22</sup> e de Ricardo Severo, que haviam organizado um vasto plano para uma série metódica de

---

<sup>19</sup> Entre 1890 e 1920 foram realizadas na cidade de São Paulo as seguintes exposições coletivas com artistas italianos: as organizadas por Paulo Forza (1911, 1912 e 1919), as diferentes edições da “Exposição de Arte Italiana” (1918, 1919 e 1920), a organizada por Cipriano Manucci (1920), a organizada por Paulo Rossi (1920) e a organizada por Vincenzo Mancusi (1920). In: ROSSI, Mírian Silva. **Organização do campo artístico paulistano: 1890-1920**. Dissertação (mestrado), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (Orientação: Prof. Dr. Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses), São Paulo, 2001, p. 191.

<sup>20</sup> Foram ao menos seis as exposições de arte espanhola apresentadas na cidade de São Paulo entre 1890 e 1920: a “Exposição de Arte Espanhola” (1920), a organizada por Julio Vila y Prades (1911), as organizadas por Jose Pinello Llul (1911, 13 e 14) e a org. por Eugenio Fornells (1919). In: Idem.

<sup>21</sup> Foram realizadas ao menos cinco exposições coletivas de arte francesa na cidade de São Paulo entre 1890 e 1920: as “Exposições de Arte Francesa” (1912, 1913 e 1919), a organizada pela Casa Paul Levy (1913) e outra organizada por André Brulé (1918). In: Idem.

<sup>22</sup> O médico português Bittencourt Rodrigues foi colecionador de arte e contribuiu para eventos na capital. Foi sua a iniciativa de organizar a Exposição Francesa em São Paulo, em 1913. Retornou a Portugal em 1912, quando leilou os produtos da sua casa, entre eles dois painéis de azulejos portugueses Campinas do Alentejo (sala de jantar); da sala de costura, um *Caramujo* em faiança de Bordalo Ribeiro, e da sala de visitas, *Alces*, do pintor português Calharido; *Ponte de Lima*, de Arthur Loureiro, e a aquarela *A foz do Ouro*, de Arhur Ribeiro. In: RIBEIRO, Maria Izabel Meirelles Reis Branco. **O museu doméstico: São Paulo (1890-1920)**. Dissertação (mestrado), Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (Orientação: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Elza Maria Ajzenberg), São Paulo, 1992, p. 212-214.

mostruários da arte no século XIX, compreendendo as melhores produções das principais nacionalidades latinas (França, Itália, Espanha e Portugal). A ideia era de que, a cada ano, se organizasse uma exposição centrando-se em obras de uma nacionalidade, com base em convênios, e que, aos poucos, várias obras (ou coleções) fossem reunidas na cidade e servissem como espécie de museus, com orientação eminentemente pedagógica. Suceder-se-iam aqui essas exposições como capítulos de um vasto curso de Belas-Artes, organizado por meio de coleções de obras-primas ou de suas reproduções, acompanhadas de lições ou conferências feitas por especialistas a respeito da natureza de tais obras de arte, sua formação, características e sua crítica. As exposições abrangeriam as artes maiores e menores.

A única exposição realizada na cidade foi a de arte francesa, inaugurada no edifício do Liceu de Artes e Ofícios (edifício que hoje abriga a Pinacoteca) em 7 de setembro de 1913. Depois, com o início da Primeira Guerra Mundial, tal projeto foi deixado de lado pelos seus organizadores.

Assim, as exposições com artistas portugueses restringiram-se às mostras individuais – muitas delas ocorridas após a realização de exposições no Rio ou participação em exposições coletivas de artistas de diversas nacionalidades, como a participação do escultor português Fernandes Caldas na 2ª Exposição Brasileira de Belas-Artes (1913), realizada no Liceu de Artes e Ofícios, ou a exibição de obras de Souza Pinto e Carlos Reis na Galeria Jorge de São Paulo<sup>23</sup>.

Há que se destacar o papel da Câmara Portuguesa de Comércio na cidade. Essa Câmara foi fundada após uma reunião realizada em 23 de novembro de 1912 em uma das salas do Consulado de Portugal em São Paulo, onde se reuniram

---

<sup>23</sup> Em dezembro de 1912 foi organizada uma exposição por Jorge de Souza Freitas, da Galeria Jorge do Rio de Janeiro, o qual posteriormente fundaria igualmente um estabelecimento em São Paulo (1923), nos salões do Grande Hotel, com 107 obras de artistas nacionais e estrangeiros, escolhidos nos próprios ateliês dos artistas, especialmente no caso dos residentes do Rio de Janeiro (Batista da Costa, Rodolfo Amoedo, Eliseu Visconti, Ciardi, Polezzi, Biva, Souza Pinto, J. Burgo, Plácido Chatelet, Enrico Vio, J. F. Machado e E. Cortez). No mesmo período em que Sousa Pinto realiza exposição em São Paulo, Jorge de Souza Freitas, proprietário da Galeria Jorge do Rio de Janeiro, realiza mostra coletiva no Grande Hotel com obra de Sousa Pinto. Jorge de Souza Freitas trabalhava principalmente com artistas franceses, dos quais comprava obras nos próprios ateliês, e com os grandes mestres da Escola Nacional de Belas-Artes. Talvez a proximidade e o fato de Sousa Pinto residir na França tenham feito que expusesse obras do artista em todo o período em que teve filial da galeria carioca em São Paulo: entre 1923 e 1934. Exceção na Galeria Jorge é a exposição de Carlos Reis, João Reis [filho] e Maria Sousa Reis [filha] na Galeria Jorge (Rua São Bento, 12D) em 1926, compreendendo 22 telas de Carlos Reis, 53 trabalhos de João Reis e 8 trabalhos de Maria Sousa Reis.

cidadãos portugueses residentes e exercendo atividades profissionais na cidade. Em 12 de novembro do ano seguinte foi eleita a primeira direção<sup>24</sup>. Entre os fundadores destaca-se Ricardo Severo, engenheiro, arquiteto, arqueólogo e escritor, profissional extremamente ligado a Ramos de Azevedo e seu escritório e que também foi secretário do Liceu de Artes e Ofícios entre 1909 e 1928 e diretor dessa instituição entre 1928 e 1940<sup>25</sup>.

Sua sede localizava-se na Rua de São Bento, nº 29B. Com um grande salão propício para as mostras, apresentou as individuais de Joaquim Guerreiro em março de 1917, de Nicolina Vaz de Assis (1874-1941) e Rodolfo Pinto do Couto (1888-1945) em maio do mesmo ano [1917], de Dakir Parreiras (1894-1967) em outubro de 1918, de Hipólito Collomb entre dezembro de 1919 e janeiro de 1920, de Antonio Rodrigues da Silva, de Túlio Mugnaini e Helena (1895-1986) e Alfredo Roque Gameiro (1864-1935) em maio, agosto e outubro de 1920, respectivamente, e as coletivas organizadas pela professora Júlia Archambeau, em dezembro de 1917 e abril de 1920<sup>26</sup>, sendo a grande maioria de artistas portugueses.

A exposição de esculturas do casal Nicolina Vaz de Assis Pinto do Couto e Rodolfo Pinto do Couto parece que não despertou grande interesse por parte da crítica e do público, pois poucas são as informações encontradas nos periódicos paulistanos do período a respeito da mostra e não há nenhuma menção às vendas – tão comum nos jornais daquela época.

A mostra de Hippólito Collomb realiza-se após exibição no Rio de Janeiro. Na mostra apresentada em São Paulo, vários gêneros de pintura, guaches, aquarelas, desenhos a carvão e lápis de cor, aquarelas e charges. No total, apresenta 35 trabalhos<sup>27</sup>. Caso semelhante é o dos aquarelistas Roque e Helena Gameiro. Pai e filha realizam primeiramente exposição no Rio de Janeiro, no Gabinete Português

---

<sup>24</sup> Informações obtidas na página eletrônica da Câmara Portuguesa de Comércio de São Paulo. Disponível em: <http://www.camaraportuguesa.com.br/default.asp?id=1>.

<sup>25</sup> Informações de Ricardo Severo obtidas nas seguintes páginas eletrônicas: Antigos estudantes ilustres da Universidade do Porto: Ricardo Severo, disponível em: [http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia\\_IC/index.cfm?fuseaction=artistas\\_biografia& cd\\_verbete=5385&cd\\_idioma=28555](http://sigarra.up.pt/up/web_base.gera_pagina? P_pagina=1000789; verbete sobre Ricardo Severo na Enciclopédia Itaú Cultural Artes Visuais. Disponível em: <a href=)

<sup>26</sup> ROSSI, Mírian Silva. **Organização do campo artístico paulistano: 1890-1920**. Dissertação (mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (Orientação: Prof. Dr. Ulpiano Toledo Bezerra de Menezes), São Paulo, 2001, p. 65.

<sup>27</sup> COLLOMB, Hippolyto. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 2, 24 dez. 1919; Idem. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 3, 4 jan. 1920; e idem. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 3, 10 jan. 1920.

de Leitura, em agosto de 1920. Em outubro do mesmo ano realizam exposição na cidade. Segundo a imprensa local, cerca de duas mil pessoas visitavam a exposição diariamente e foram realizadas várias aquisições por colecionadores particulares, sem denominar quais<sup>28</sup>.

Outros estabelecimentos também abrigam mostras de artistas portugueses, como a mostra de pinturas de Rodrigo Soares em 1915, realizada na Rua Libero Badaró, 25C, ou ainda a exposição da exposição póstuma de faianças de Bordalo Pinheiro na Casa Japão – propriedade de um português<sup>29</sup>. Ainda podem ser mencionadas a exibição de uma marinha do artista português A. Augusto Pereira na Papelaria Riachuelo em 1919 e a mostra composta por quatrocentas obras de Carlos Reis e seu filho, Carlos Reis Filho, na Casa Stadium Paulista, na Rua Libero Badaró, 173: caricaturas, *portrait charges* e também paisagens<sup>30</sup>. Em 1919, Carlos Reis expõe no Gabinete Português de Leitura<sup>31</sup>.

### **Algumas obras de portugueses em coleções particulares**

É quase certo que muitas obras de artistas portugueses ainda estejam presentes em coleções particulares da cidade, dado o destaque pela imprensa local às aquisições, incentivando-as e tentando fazer que de fato cada vez mais a cidade abrigasse exposições e outros eventos culturais. Os catálogos ou anúncios de leilões auxiliam igualmente a ter uma noção de onde estavam tais obras, quais os autores preferidos, etc.

Malhoa talvez seja um dos mais colecionados – ainda que não tenha realizado nenhuma exposição na cidade. Pelos catálogos dos leilões de J. Moreira em 1906, no da Coleção de Ephim H. Mindlin (1941) e no de Heribaldo Siciliano (1942), sabemos que tais colecionadores tinham obras do artista<sup>32</sup>.

---

<sup>28</sup> EXPOSIÇÃO Roque Gameiro. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 10, 2 out. 1920; HELIOS, Roque; GAMEIRO, Helena. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 4, 5 out. 1920.

<sup>29</sup> A Loja do Japão situava-se na Rua São Bento, nº 40, em edifício projetado por Maximilian E. Hehl em 1899. In: CAMPOS, Eudes. **Arquivo Histórico de São Paulo**: história pública da cidade. São Paulo: Imesp/ DPH, 2011, p. 168.

<sup>30</sup> NASCIMENTO, 2009, p. 435.

<sup>31</sup> *Ibidem*, p. 430.

<sup>32</sup> A Biblioteca Walter Wey da Pinacoteca do Estado possui em seu acervo bibliográfico tais publicações.

Todavia, o artista mais colecionado é Souza Pinto, presente ao menos nas coleções de Ephim Mindlin, Freitas Valle, Azevedo Marques, Ramos de Azevedo, Galeno Martins, Ricardo Severo, Jorge Krug e Alfredo Pujol, conforme se pode constatar na pesquisa em jornais paulistanos do período.

### **Considerações finais**

As obras de artistas portugueses no acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo provêm muito mais das doações de particulares que da iniciativa pública, pois o governo do Estado comprou apenas uma obra dos artistas aqui elencados.

Nas primeiras décadas do século XX, os artistas portugueses (e os de outras nacionalidades também) faziam exposições no Rio de Janeiro e, posteriormente, em São Paulo. Na Capital Federal, a maioria expunha no Gabinete Português de Leitura, e, em São Paulo, na Câmara Portuguesa do Comércio.

Parece que para São Paulo os portugueses têm uma relação muito mais forte com o Império. A presença maciça de imigrantes italianos no início do século XX (cerca de 40% da população da cidade) pode ter contribuído para determinadas escolhas. Se para os barões do café e uma elite industrial nascente o grande modelo de tudo o que dizia respeito à cultura e refinamento era a França, talvez os italianos preferissem os seus artistas.



Figura 2.1 - Souza Pinto, *Le Baquet Bleu* [O balde azul], 1907.



Figura 2.2 - José Malhoa, desenho sem título e sem data.



Figura 2.3 - Antônio Carneiro, *Camões lendo "Os Lusíadas" aos frades de São Domingos*, 1925-1929.



Figura 2.4 - Raphael Bordalo Pinheiro, *O soberano* (do "Álbum das Glórias"), 1882.